

Corpo e conhecimento em arte: contribuições de Elliot W. Eisner

por Mônica M. Ribeiro

monicaribeiro@ufmg.br

Atriz, dançarina, Doutora em Artes e Professora do Departamento de Fotografia e Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais nas Graduações em Teatro, Dança e da Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes.

“The arts are the way of enriching our awareness and expanding our humanity”.

Elliot W. Eisner.

Entrar em contato com as proposições para o Ensino de Arte de Elliot W. Eisner foi um marco definidor do contínuo processo de construção de minha prática artístico-pedagógica do movimento expressivo em Artes Cênicas, a saber: Teatro e Dança. Questionar se o corpo em ação pode gerar conhecimento, se há conhecimento no movimento, e se o conhecimento cênico do ator e dançarino poderia estar fundado no corpo em relação ao ambiente foram questões que a leitura desse educador me proporcionou.

Ao refletir sobre suas lições (Eisner, 2004), fui apresentada a desdobramentos das propostas de J. Dewey, S. Langer, N. Goodman. Esses pensadores atestaram a relação intrínseca entre arte e conhecimento. Arte e cognição. Arte, imaginação e interação. Imaginação como cognição. Incluíram a experiência estética como qualificativo do conhecimento gerado na Arte. Eles afirmaram o lugar da sensibilidade, da percepção e da imaginação como fundamentos do que Eisner chamou de inteligência artística, constituída pela capacidade de atualização, denominada, a partir de Dewey, de flexibilidade de propósito na qual incluiu a demanda de atenção, de flexibilidade cognitiva, da empatia cinestésica, da memória, da disponibilidade afetiva, do estado de prontidão.

Também foi fundamental perceber, com sua ajuda teórica, que o conhecimento não necessariamente depende da linguagem, o que também reforça sua proposição de um conhecimento somático não mediado por palavras. Tal independência da linguagem não implica sua exclusão no processo de construção do saber, mas ressalta a presença de sentimentos do corpo em ação, que, somados às memórias, às percepções do instante e às associações entre ambas, podem gerar pensamento e conhecimento do corpo. Um conhecimento somático ou conhecimento corporal é oriundo da ressonância de algumas imagens em nós, em nossa imaginação (Eisner, 2004). Para ele, tal conhecimento possibilita a

sintonia com a obra e, como consequência, a realização de ajustes de ordem estética. Esses ajustes se dão no domínio da imagem e são mediados pelos sentimentos, oriundos de um sistema sensorio-motor que gera estados emocionais, percepções e atos cognitivos.

Eisner diz ainda que a arte transforma a consciência. Assim, reflito acerca da relação dessa *práxis* com a afecção espinosiana. Aproximo ainda palavras de Damásio para reiterar que se pode pensar que os sentimentos do corpo geram conhecimento corporificado, corroborando para a construção de dança-pensamento (Katz, 1994). Trata-se de movimento com subjetividade, ação proveniente da experiência estética consciente do corpo no espaço-tempo. A consciência de Eisner e a subjetividade de Damásio (2010) estão intrinsecamente associadas promovendo o testemunho da experiência.

Por outro lado, quando ele considera que a arte pode transformar a consciência, reitera a continuidade arte e vida já proposta por Dewey (2005), uma relação corpo-ambiente. Parece-me fundamental dizer que ele nos lembrou a todo instante que a arte pode transformar a construção de conhecimento em formas de participação. Mencionou aspectos da empatia na experiência artística que me levaram aos estudos do corpo empático na rítmica e do exercício da empatia na improvisação em Dança. Compreendo que a empatia faz parte do processo do conhecer como mediadora na relação com os companheiros durante o fazer artístico coletivo. Eisner considerou a experiência empática como característica da *práxis* artística que leva a ações de compreensão da alteridade, compaixão, compartilhamento de saberes. Ele também identificou capacidades que a experiência (trans)-formativa em arte proporciona: capacidade de observação, predisposição para tolerar aquilo que é ambíguo, iniciativa de exploração do incerto e, acrescento, capacidade de lidar com o erro aproveitando-o em novas associações.

Eisner ainda afirmou que a pesquisa em arte não vai promover soluções, respostas. Desse modo, reiterou o quão problemática é a definição do conhecimento em arte no âmbito dos estudos epistemológicos. A solução é, no

campo artístico, substituída, muitas vezes, pelo exercício de problematizar, de inventar perguntas sobre o fazer, de reajustar a experiência por meio do aprimoramento da conexão sensação-percepção-ação. O processo enfatiza-se sobre os resultados, e a contínua renovação do desejo de saber é substituída por desejos de experienciar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMÁSIO, A. (2010). *O livro da consciência: a construção do cérebro consciente*. Portugal: Temas e Debates-Círculo de Leitores.
- DEWEY, J. (1934). *Art as experience*. New York: Perigee.
- EISNER, E.W. (2004). *El arte y la creación de la mente: el papel de las artes visuales en la transformación de la consciencia*. Barcelona: Paidós.
- KATZ, H. (1994). *Um, Dois, três: a dança e o pensamento do corpo*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.